UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES

LAZARINHO UMUÃ MENDES

O BALUGUN NO PROCESSO RITUAL DOS MANDJACOS DE CALEQUISSE NA GUINÉ-BISSAU

SÃO FRANCISCO DO CONDE
2024

LAZARINHO UMUÃ MENDES

O BALUGUN NO PROCESSO RITUAL DOS MANDJACOS DE CALEQUISSE NA GUINÉ-BISSAU

Trabalho de conclusão do curso (TCC), apresentado a Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Fanny Longa Romero.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

LAZARINHO UMUÃ MENDES

O BALUGUN NO PROCESSO RITUAL DOS MANDJACOS DE CALEQUISSE NA GUINÉ-BISSAU

Trabalho de conclusão do curso (TCC), apresentado a Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Data de aprovação: 03/05/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª Dr.ª Fanny Longa Romero (Orientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Jorge Luzio Matos Silva
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof.ª Dr.ª Andressa de Freitas Ribeiro
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	5
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E SOCIO-CULTURAL DOS MANDJACOS DA GUINÉ-BISSAU/CALEQUISSE	7
2	**PROBLEMA DE PESQUISA**	10
3	**OBJETIVOS**	11
3.1	GERAL	11
3.2	ESPECÍFICOS	11
4	**JUSTIFICATIVA**	11
5	**REFERENCIAL TEÓRICO**	12
5.1	BALUGUM E SUA RELAÇÃO COM IRÃS	19
5.2	BALUGUM E TOTEM	24
6	**PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**	25
7	**CRONOGRAMA**	27
	REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho cujo tema **"**O Balugum no processo ritual dos mandjacos de Calequisse na Guiné Bissau**"** tem como propósito analisar as práticas sociorreligiosas que envolvem o culto dos ancestrais em seus diversos modos de relações sociais.

As religiões tradicionais africanas são práticas que fazem parte da realidade sociocultural dos mandjacos, apesar de algumas pessoas forem convertidos ao cristianismo, mas um grosso número continua com essas práticas ancestrais, suas práticas religiosas envolvem cerimônias, ritos e tabus, dessa maneira, muitas cerimônias são feitas nos irãs e algumas são destinadas aos balugum.

Os balugum são espíritos santos ou ancestrais que vivem no além, eles representam símbolo de espiritualidade na sociedade dos mandjacos, sua maior representação é no local chamada itchap que é símbolo que permite manter conexão entre o mundo espiritual e mundo físico, ou seja, principal local em que se dá o culto dos balugum, no entanto, segundo os ritos esta entidade está em toda parte e sempre no meio dos homens acompanhando toda ação humana. Nas cerimónias fazem orações e pedidos para bem-estar social, para boa colheita e pela paz.

Nesse processo todo, os cultos não se dão espontaneamente porque existe todo uma estrutura de organização perante esta questão. Segundo esta estrutura admite em cada processo ritual um chefe ou líder que vai acompanhar e orientar os indivíduos envolvidos. Dentre os cultos prestados aos ancestrais estão as diferentes cerimônias que evolvem essa relação socio espiritual, ou seja, entre os vivos e os que estão no além.

Como aponta Thorton (2004), o contato entre os africanos e europeus cria se uma dinâmica cultural dentro da religião, dinâmica esta que poderia "satisfazer o entendimento das religiões africanas e europeia, fato que deu origem um novo tipo de cristianismo chamada "cristianismo africano". Cristianismo africano segundo autor é uma forma da religião que é praticado na África,

> uma vez que seus adeptos aceitavam uma série de verdades a partir das quais diversos seres do outro mundo sobretudo santos reconhecidos pelos cristãos católicos, porém filtrados pela tradição religiosa africana - eram dados a conhecer, conquistando desse modo status especial, e sendo adorados pelos africanos. Ao mesmo tempo, entretanto, o cristianismo africano não era idêntico àquele praticado na Europa ou pela maioria dos euro-americanos, cuja filosofia resultante continuou a reconhecer muitas outras revelações como válidas e, além disso, nunca aceitou totalmente determinados pontos da doutrina católica, especialmente os que reforçavam o poder do clero (a primazia das revelações descontinuas como a Bíblia ou a sucessão apostólica, e as atitudes resultantes dos sacramentos e a função do papado) (Thornton, 2004 p. 335).

No caso da Guiné Bissau que teve também o contato com o cristianismo assim como o islã, mas principalmente o cristianismo pisou ao país desde os séculos XV com a vinda dos missionários europeus, desde então introduziu os valores cosmológicos no território. Opoku referenciado pela Joelma Maia (2016) mostra que estes processos históricos e dinâmicas culturais que envolviam diferentes culturas, isto é, as tradições africanas locais com europeus tornaram um processo de difícil de adaptação das populações local a nova realidade. Entretanto, mesmo sendo difícil algumas pessoas aderiram o cristianismo como prática religiosa, embora pode reparar elementos de "cristianismo africano" referido por Thornton, visto que há uma acomodação de elementos culturais tradicionais com os de europeus, e setor de Calequisse é a prova disso, em que os habitantes nunca esqueceram de suas raízes ou tradições dos seus ancestrais, do mesmo modo alguns elementos religiosos dessa localidade foram aceites pelos missionário católicos que passaram nesse território, Segundo, Luís Júnior (2016), o missionário que esteve nessa região ao serviço da igreja católica conhecido pelo padre Michael que passou vários anos ali alegou muitas vezes que "Deuses" de Calequisse são santos e não satanás, ele até participava em várias cerimonias feitas pelo povo.

Antes de apresentar o contexto da minha pesquisa faz-se necessário contextualizar a Guiné-Bissau um país africano, antiga colônia portuguesa que fica localizada na costa ocidental do continente, fazendo fronteiras no Norte com a República Senegal e ao Sul com a República da Guiné Conacri. Banhado pelo oceano atlântico ao Leste assim como no Oeste. Seu clima é tropical, rica biodiversidade flora e fauna, possui duas tipos de estações: de chuva que começa no mês de maio ao mês de setembro e seca que inicia em outubro ao mês de abril.

Conforme os dados de Instituto Nacional de Pesquisa (INE), o país conta com a população estimada de 1.449.230 habitantes, segundo o último senso feita em 2009, dos quais 51,5% são mulheres e 48,5% dos homens. De igual modo os dados apontam que as mulheres são mais numerosas em todas as regiões do país. O país possui uma superfície total de trinta e seis mil e cento e vinte seis quilometro ao quadrado 36.126 Km, com grande bacia hidrográfica, os principais são: Rio Cacheu, Mansoa, Geba, Corubal, Bolama Bijagós, composta por mais de 80 ilhas e ilhotas, sendo que maioria delas são inabitadas.

Em conformidade com Mendes (2017), a Guiné-Bissau está composto administrativamente em 8 regiões e um setor autônomo que é a capital Bissau e três províncias: "Norte, Sul e Leste. Na província do Norte ficam regiões de Biombo, Cacheu e Oio; na província do Leste temos a Bafatá e Gabu e na província do Sul estão Bolama dos Bijagós, Quinara e Tombali" (Mendes, 2017, p. 14).

Figura 1 - Mapa da República da Guiné-Bissau e fronteiras nacionais

Fonte: https://depositphotos.com/55913623/stock-illustration-guinea-bissau-political-map.html

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E SOCIO-CULTURAL DOS MANDJACOS DA GUINÉ-BISSAU/CALEQUISSE

Os mandjacos são povos que habitam atual região de Cacheu no norte da Guiné-Bissau onde se julga ser originário, do qual estabeleceu desenvolvendo suas atividades agrícola, cultivo de terra para plantação dos seus produtos, e criação de gado que serve de base econômica e para o próprio consumo. É o grupo étnico maioritário nessa região, excetuando setor de Bula que tem predominância da etnia mancanhe. Os Mandjacos são praticantes das religiões tradicionais africanas, e no que tange o conhecimento religioso, envolve as cerimónias, ritos e tabus que constituem elementos da organização social deste povo.

Quanto a sua origem vários relatos a respeito das suas raízes, em que se fala do seu pertencimento aos antigos povos do Sudão e Etiópia, entretanto as informações mais próximas sobre sua origem foram de Doneux, Apud (Mendes, p. 18) atribuindo a descendência dos madjacos aos felupes, uma etnia que também habita região de Cacheu, concretamente no setor de São domingos. O mesmo mostra que junto da etnia Mancanhe que habitam a mesma zona litoral do rio Cacheu e Geba, também os pepeis hoje com maior presença na região de Biombo, fazem parte do mesmo troco linguístico chamada Bak, um subgrupo habitava Oeste atlântica do Senegal.

A palavra ou o nome Mandjaco, Man-*Eu* Dja-*Digo*-Co-*Algo*, transmitindo no sentido literal da palavra ficaria, eu digo algo ou eu digo-te. Segundo a conversa com Augusto Umuã um dos representantes da comunidade, informou que este nome deve se ao fato da postura e a determinação que os mandjacos sempre tiveram nas tomadas das decisões. O que indica que

quando ele decide fazer algo ele consegue, portanto eles atribuem o significado enorme a palavra, para eles a palavra é um elemento sagrado.

Geograficamente setor de Calequisse fica situada província norte da Guiné-Bissau, e ao norte da região de Cacheu. O setor tem a predominância do povo mandjaco. Segundo Luís Junior (2016), Calequisse fica a 100 Km da capital Bissau, 28 Km da cidade de Canchungo e 66 Km a Cidade de Cacheu. Composta por diversas secções, tabancas e bairros ou pequenas tabancas que fazem parte dessa circunscrição, com população total de 9.111 habitantes e uma superfície de 120 Km2. No que diz respeito as tabancas que fazem parte do território de Calequisse, Virgínio Mendes descreve seguinte subdivisão.

> O setor de Caliquesse está subdividido em mais de 25 tabankas (aldeias/clãs), entre as quais, se destacam: Balomb, Baserel, Tchatchum, Bëtanta, Baramb, Bajob, Bipar, Katatch, Bô, Timate, Pegoragor, Katchalanm, Kaiopa, Uko, Kanaku Nul, Utchak Kanenm, Katch, Lian, Kii, Badjendj, Babata, Batau, Bariapin e Katidj (Mendes, 2017, p. 18).

Faz fronteiras ao sul com Bará Mama uma das tabancas que está dentro da cidade de Canchungo, ao leste com Cacheu e São Domingos, e fronteira hidrográfica com Caió ao Oeste. Assim como Calequisse, a região de Cacheu na sua totalidade tem maior presença do povo mandjaco como sendo nativos desse território, contudo com suas divisões territoriais em subgrupos e variações linguística, conforme desenha Mendes, a subdivisão das comunidades madjacos em nove agrupamentos segundo critérios de territorialidade, sistema de parentesco e afinidade linguística.

> o subgrupo Djeta, Pecixe e Caió; o subgrupo Canhobe, Tam e Pandim; o subgrupo Babok, ou Costa de Baixo segundo a designação colonial, que integra Canchungo, Utia-Côr, Pentcheman, Canou, Bará, Capol, Badjope, Blequisse, Cadjindjassa, Tchualam, Petabe, Beniche, etc.; o subgrupo Tchur, que integra Tchur, Cacheu, Mata e Bianga; o subgrupo Pantufa; o sub-grupo Pelundo e Binhante; o subgrupo Basserel; o subgrupo Calequisse; e o subgrupo Cobiana. Destaca-se o subgrupo Cobiana do resto e dos seus vizinhos de Tchur, por ser um exemplo paradigmático de agregação de comunidades com línguas totalmente diferentes num único bloco. O critério de proximidade geográfica poderia levar à sua integração no subgrupo Tchur por pertencer ao setor de Cacheu, mas a língua falada pelos cobiana afasta-os de todos os subgrupos manjaco por não ser percebida por estes, mas aproxima-os do grupo étnico cassanga (Mendes, 2014, p.10).

Mandjaco é um povo que já teve uma organização política, econômica e social numa forma de confederação nos períodos antes do contato com os portugueses, em que os **régulos** tiveram um forte poder na comunidade, servindo de governadores, mediadores de conflitos e responsáveis pelos alguns rituais da comunidade. Mesmo com estes poderes que os régulos

detinham, eles não atuavam sozinhos, pois há uma estrutura organizacional que o ajudava em certas tomadas de decisões.

> O Régulo é o responsável por todas as atividades e preservação dos valores humanos, protegendo a justiça familiar na comunidade do seu regulado. Garante a segurança, saúde, educação e felicidade a todos os elementos que fazem parte do seu território, trabalhando de acordo com todas as normas estabelecidas pelo Conselho de Velhos. O Régulo nunca pode violar os princípios sagrados da sua autonomia local, matos sagrados (matu malgós), irãs e períodos de manifestações religiosas, sagradas, místicas, culturais e agrícolas. O Régulo nunca autoriza a venda do seu território, mudança de regime, nem se pode proclamar o detentor de todo o poder sem consultar o Conselho dos Velhos (IMVF, 2011, p. 61)

A cidade de Calequisse, possui riqueza social e cultural tendo em conta seu sistema político. Das vantagens naturais se deve a sua política de proteção do meio ambiente e riqueza na biodiversidade, fruto de diversidade pesqueira que se encontra nas suas águas. Além disso, tem espécies de palmeiras que servem não só para construção das casas, mas nelas também é extraído o vinho para fins cerimoniais e rituais, o saboroso vinho palmo é doado aos balugum e aos [1]irãs. O cultivo das terras é uma prática vigente nessa região, tendo a produção de vários produtos agrícolas para subsistência e para fins comerciais, entre outras biodiversidades.

Calequisse é setor composto por várias tabancas ou aldeias que compartilham maiorias práticas culturais que foram herdadas dos ancestrais, e que prevaleceram até os dias de atuais, práticas como: cerimonias, tabus e ritos, sob forma de manutenção da memória coletiva. Além disso, Calequisse tem uma organização sociopolítica bem configurada baseada na unidade e de relações sociopolíticas estáveis. Assim sendo, cada tabanca tem um chefe local e os anciões que compõem a estrutura organizacional, outrossim, existe organizações dos jovens e de mulheres que firmam em prol do desenvolvimento da comunidade. Em Calequisse a política do trabalho coletivo e de ajuda mútua é muito forte. Das atividades realizadas nas aldeias estão, o trabalho familiar, comunitário e trabalhos de voluntariado para um ou chefes de tabanca, ademais trabalho de voluntariado para com doentes e pessoas necessitadas.

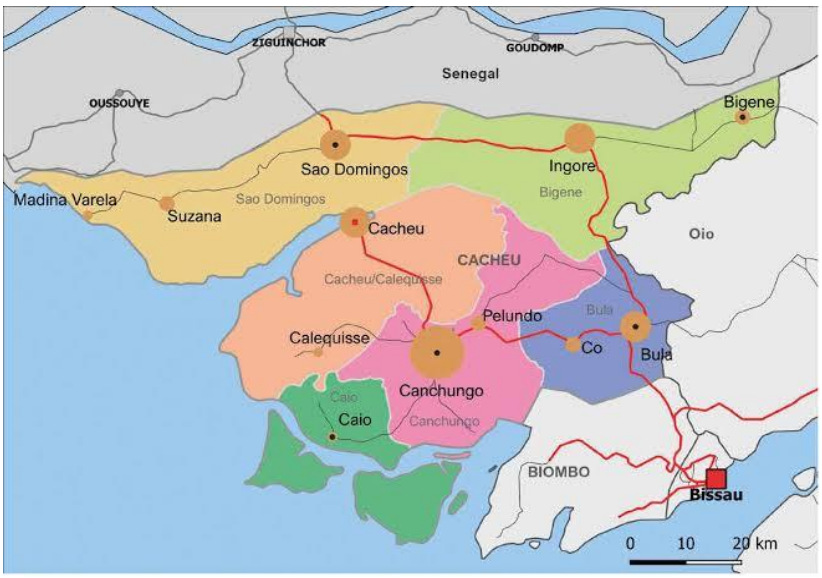
> O trabalho é de tipo familiar livre ou coletivo, sendo a sua divisão feita segundo os membros da família, sexo ou idade, em função da sua capacidade física. Os tecelões, ferreiros, oleiros, cesteiros são livres de produzir a quantidade que a sua disponibilidade lhe oferecer, sem que haja qualquer impedimento do régulo ou da tabanca (IMVF, 2011, p.61).

[1] Os irãs são as divindades que fazem parte da organização sociocultural dos mandjacos, são entidades sobrenaturais que não se pode ver ao olho nú, exceto as pessoas com visão ampla. Nelas são realizadas cerimonias e rituais para pedir proteção ou a fertilidade do solo para seu cultivo, entre outros aspetos.

A língua é um importante instrumento de relação e de comunicação deste povo, visto que constitui forte relação de afeto entre os falantes, fazendo com que todos se veem como parentes, famílias e amigos. Embora com a migração teve presença de algumas pessoas oriundas das outras origens étnicas como: as fulas, pepeis, felupes, entre outras, mas o mandjaco continua predominante na região, fazendo com que estes integrem e aprendem seus modos de vida sobretudo sua a língua.

O aspecto linguístico sobretudo, é fundamental para educação dos filhos, e quase é obrigatório saber expressar em mandjaco, é difícil de encontrar um menino (a) mandjaco que não saiba falar em sua língua, porque são ensinadas a falar não importa local em que eles estejam. O que significa que, a língua é um instrumento que serve para preservação da identidade cultural. Além disso, o mandjaco é língua usada nas cerimônias e nos ritos para comunicar com os ancestrais, sendo o único meio para comunicar com ele porque foi a língua que falavam.

Figura 2 - Mapa da região de Cacheu e fronteiras setoriais.



Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Administrative-subdivision-of-the-Cacheu-region_fig1_338127463

2 PROBLEMA DE PESQUISA

Algumas práticas culturais na Guiné-Bissau têm sido pouco documentadas nos livros didáticos nas escolas, fato que limita os pesquisadores na questão de obtenção de informações para realização do trabalho de pesquisa, fato que vivenciei no desenvolvimento deste trabalho

porque são poucos materiais que falam sobre o assunto. Assim sendo, o presente trabalho que visa estudar aspeto ritual de balugum parte de seguintes questionamentos: *Qual papel social de balugum no processo ritual? Quais princípios ancestrais de culto de balugum da etnia mandjaco de Calequisse? Quais as simbologias da relação ritual com o balugum?*

Para o trabalho partimos de pressuposto que o balugum representa o símbolo da espiritualidade na organização social dos mandjacos, ou seja, o meio pela qual eles manifestam seus desejos e vontades. Assim sendo, as cerimônias e os rituais feitas para com balugum significa o sentido de renovação da vida e reestabelecimento do vínculo familiar com as pessoas doutro mundo.

3 OBJETIVOS

3.1 GERAL

Compreender diferentes processos rituais que envolvem o culto de balugum da etnia manjacos.

3.2 ESPECÍFICOS

- Entender como balugum se manifesta na sua relação social com indivíduos;
- Identificar as dinâmicas e processos sociais em que decorre cada processo ritual;
- Estudar os tipos de rituais que são destinadas aos balugum dos irãs.

4 JUSTIFICATIVA

A paixão pelo estudo das culturas guineense, e sobretudo da cultura mandjaco foi desde minha chegada ao brasil, e principalmente no meu ingresso na Unilab. Isto é, desde o meu primeiro contato com as disciplinas do conhecimento antropológico, e tendo visto, noções como: etnocentrismo junto de evolucionismo de Morgan apoiada nas teorias de Darwin que apresentava hierarquia ou superioridade de certas culturas em relação outras e existência de etapas de evolução da qual todas as sociedades humanas tinham que passar para chegar a civilização, por outro lado, lendo sobre o relativismo cultural de Franz Boas, que defendia que

não existe cultura certa ou errada, primitiva ou evoluída, mas sim culturas diferentes desde então, fui fazendo análise das ideias destes pensadores e percebi quão é importante estudar sobre as culturas, não para comparar, mas tentar entender de modo pela qual se manifesta.

A partir dessa análise, percebi que nenhuma cultura é superior ou inferior em relação a outras, mas sim a diferença está na forma pela qual cada cultura atribui sentidos ou significados às suas práticas e crenças. Ademais, vi que é relevante estudar sistema de organização social dos povos para ter uma visão crítica, e não se deixar simplesmente cair no seu desconhecimento. Estes, e outros conhecimentos que estou adquirindo no meu percurso acadêmico suscitaram o maior almejo de procurar entender melhor a manifestação cultural do grupo étnico mandjaco, em especial, em especial os processos rituais que envolve o culto de balugum.

Por outro lado, o presente trabalho faz se relevante em seguintes aspetos: acadêmica, social e cultural. Da relevância acadêmica, pode contribuir para enriquecer os conhecimentos sobre o tema e encorajar as futuras investigações ou pesquisas, ademais promover debates acadêmicos e palestras, uma vez que o Estado guineense contribui pouco ou nada contribui naquilo que é pesquisa desse tipo, no entanto, por falta de incentivos mitigam os interesses dos pesquisadores.

No que tange a relevância social, Guiné-Bissau sendo um país multiétnico, cujo cada etnia com respetivas especificidades socioculturais, para isso, entendo que os resultados desse trabalho poderiam beneficiar alguma parcela da população guineense. E finalmente a relevância cultural vai além de uma simples manifestação ritual, mas sim o entendimento dos significados, valores culturais e religiosos do povo mandjaco.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

Como parte do trabalho científico, referencial teórico consiste na consulta de obras que possam dialogar com o tema da pesquisa, com isso, acho necessário analisar o conceito da tradição na perspectiva de Ki-Zerbo (2010) na qual ele vai mostra que as tradições, e sobretudo a fala nas tradição oral serve de meio de preservação de saberes ancestrais em diversos aspectos que são passadas de gerações em gerações, não é apenas meio de conversações ou de comunicação de (boca-boca), também ele chama atenção que nem toda informação verbal é uma tradição porque, apesar que visa ensinar ou transmitir algum tipo de conhecimento.

Assim sendo, ele analisa caso de testemunha ocular e os boatos, dessa maneira, ele atribui a maior validade aos testemunhos ocular na transmissão da conhecimentos, mostrando

que toda tradição deve se fundar neste a gente porque tem chances mínimas de extorsão, entretanto, os boatos segundo autor, apresentam de alguma forma nível de extorsão, mas que possam ser valiosos quando essa mensagem é passada repetidas vezes por diferentes gerações pode dar origem a uma nova tradição, portanto, autor conclui que toda a tradição pode ter origem num testemunho ocular assim como a nova criação baseando nos diferentes textos orais existentes, portanto, todas as tradições devem ser lidas, estudadas e interpretadas, assim como o contexto social que cria essa visão do mundo. Ademais, o autor não vê as tradições como um dado imutável ou estagnado no tempo, mas sim, como processo histórico passada de geração em geração, ela é sujeita a interpretação e reelaboração em diversos contextos.

Na base dessa análise das tradições compreende que são de conjunto de todo o leque de conhecimentos enraizados na vivência ou memória coletiva transmitidas de geração para outra, mas que não necessariamente de serem rígidas ou estanques, esses saberes passam a fazer parte da cultura. Fato que também foi discutido por Bernardo de Jesus (2018).

> A tradição não defini aquilo que é velho, ultrapassado e muito menos estático. As tradições, ou melhor dizendo, os saberes, são mutáveis, transmissíveis, podendo ser elaborados e reelaborados nos mais diversos contextos possíveis. O saber oralmente transmitido, fortemente característica de muitas culturas africanas é um belo exemplo dessa imensa bagagem que aportam os sábios (mestres griôs, anciões) que conduzem o saber endógeno de suas culturas, sem depender necessariamente de elementos propriamente estanques (Jesus, 2018, p.25).

Havendo essa relação entre cultura e tradição é salutar dialogar com Clifford Geertz (1989). No capítulo “uma descrição densa: por uma teoria interpretativa das culturas” o autor define a cultura, teia de signos e significados e que homem está rodeados dessa teia, o que significa que as ações de um determinado povo ou grupo não se explica por si só, mas sim precisa entender diferentes significados de cada cultura. O autor ainda define a cultura como um sistema semiótico ou ciência de signos e significados, que seria categoria de análise para interpretação das culturas, ou seja, meio do qual procurar explicar os significados que cada grupos ou povos dão as suas ações. Ele vai ainda vem mostrando que a cultura não pode ser uma ciência experimental a procura de leis, mas sim como ciência interpretativa em busca dos significados.

Na base do conceito da cultura analisada na perspectiva de Geertz (2008) é válido pensar a cultura do povo mandjaco partindo do mesmo ponto de vista, uma vez que nela encontra diferentes modos de convivências como: práticas ritualísticas e cerimoniais, dança música, crenças, ensinamentos, e como essas práticas podem ser pensadas.

Ao analisar culto de balugum como uma prática social e religiosa é salutar discorrer o

pensamento de Durkheim (1996) sobre a religião no livro intitulado, “As formas elementares da vida religiosa”, nessa obra o autor entende que a prática da religiosidade é a forma pela qual está organizada esquema mental, ou seja, o sistema de pensamento de cada povo ou grupo para garantir a coesão social. Esta estrutura mental está baseada em sistemas de classificação complexas e de separação bipartidas como: humanos, não humanos e coisas agrupados e separados entre si, fato que Durkheim considera de fatos sociais porque todo este sistema de organização tem base do social.

Na base dessa análise, Durkheim formula a definição da religião de seguinte maneira: “um sistema solidário de crenças e práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada Igreja, todos aqueles que a elas aderem” (Durkheim, 1996, p. 32).

Baseando na citação acima seria possível compreender que a religião seria a prática do sagrado, mas que tem a base social que é fundada a partir da consciência coletiva dos membros e crentes, e que de certa maneira ajuda no estabelecimento de normas que garantam a coesão social dos grupos. Desse modo, o Durkheim encara a religião como fato social pela sua generalidade e pelo seu conteúdo.

Portanto, essa análise permite refletir sobre o culto do balugum como sendo uma prática social, cultural e religiosa do povo mandjaco, que segundo a sua cosmovisão nalgum (singular): balugum (plural) são entidades sobrenaturais, ou seja, os ancestrais que viveram algum dia no nosso seio, no entanto, deixaram de existir fisicamente entre nós, mas espiritualmente continuam presentes e conectados conosco, e que exercem certo poder sobre nós (humanos), consoante Júnior (2016).

> Desde os primórdios, os mandjakus têm profundo respeito por Balugüm, que são as pessoas que morreram e são adorados através de uma representação imagética feita com troncos das arvores que duram muito tempo no chão sem estragar; são elaborados com uma estrutura de mesma pessoa ou que tem forma de pessoas[...] antigamente os trabalhos não eram feitos com grande aperfeiçoamento em termo de a imagem ser tal igual a defunto, mas com evolução da mesma sociedade, as imagens agora são elaboradas iguais à fisionomia do defunto. (Fernandes Junior, 2016, p. 80).

Balugum no sistema sociocultural dos mandjacos são os espíritos bons dos ancestrais já falecidos e que deixaram legado para as pessoas na terra, para os mandjacos essas pessoas merecem uma honra e reverência pelo que tem feito enquanto estavam de vida, por isso são prestados os cultos periodicamente em jeito de respeito e reconhecimento. Além disso, o balugum representa o símbolo da espiritualidade com um significado enorme para os mandjacos, têm uma representação simbólica entre os mandjacos por meio de estatuetas são

troncos de árvore muito resistente que dura muito tempo no solo sem serem comidos pelas bactérias, eles são esculpidos por um escultor escolhido pela pessoa responsável pela escultura, após isso são fixadas no solo para fins de culto. Segundo os rituais, as estátuas são fixadas nos lugares em que se sente a presença deles.

Segundo essa cosmovisão, os balugum são consideradas protetores da família, clã ou grupo devido tanto poder que eles adquirem pós morte, sendo capazes de zelar pela prosperidade da comunidade. Conforme Irina Mendes (2018), estar no mundo dos mortos significa ter mais poderes sobre os que estão na terra e guiar seus destinos aqui na terra, eles estão presentes em dois mundos, físico espiritual. Suas almas são imortais, por isso, a violência, o pecado, adultério, assassinato, roubo, recusa de ajuda ao próximo, desrespeito e desconsideração para com os pais ou velhos, entre outros aspetos são proibidas na cosmologia dos mandjacos porque balugum está sempre de olho e são capazes de julgar, tirar e dar vida, ferir, curar, proteger, ou defender aqueles que cumprem com o papel de bons cuidadores ou prestadores do culto.

Os mandjacos sentem que balugum está em toda parte do planeta terra mesmo não havendo a presença física, por isso mesmo estando fora do território de origem eles clamam os nomes dos seus ancestrais sobretudo quando está a passar por qualquer perigo derrama vinho ou água evocando pelo nome de um ancestral, o mesmo acontece também no momento de pedir benção ou agradecer a saúde e o dom da vida.

Nos diferentes cultos prestados aos ancestrais estão as diferentes cerimonias, rituais e tabus que evolvem essa relação socio espiritual, ou seja, entre os vivos e os que estão no além. Durante as cerimonias são doadas, vinho palmo, e outras bebidas alcoólicas, como vinho tinto e wiski, são também doadas a comida (***pei***), de carne ou peixe, ademais o sacrifício dos animais como: vaca e cabra, entre outros rituais acompanhado de dança e música para divertir os balugum.

Em cada casa dos mandjacos é fixada petchap (um) ou itchap quando são duas ou vários. Itchap são forquilha, em representação da imagem de um ancestral ou pessoa falecida que deixou o legado no mundo dos vivos, então, após a morte ele/a exige que seja cultuada petchap, tudo indica que a colocação de forquilha representa uma simbologia ou elo de transmissão de valores espirituais. Por isso, após a colocação da forquilha começa o processo de culto para toda vida de família e estes espaços passam a ser sagradas, e são proibidas certas coisas profanas.

Figura 3 - Representação física das almas ancestrais (Balugum) primeiras elaborações

Fonte: http://photos1.blogger.com/img/86/1825/480/9-3.jpg

Figura 4 - Representação física das almas ancestrais (Balugum) elaborações mais atuais

Fonte: Lassana Umuã Mendes.

Como é sabido em todas as sociedades existe um sistema de organização social em que alguns indivíduos pretendem experienciar o mundo religioso e outros pretendem escolher outra formas de relacionar com o mundo, nesta lógica de pensamento, os homens carregados de valores religiosos se dizem estar experienciar o mundo ou espaço sagrado, enquanto espaços vividos por homens não religioso ou que recusam a sacralidade do mundo são tidas como profanas, estas duas formas de ser no mundo mereceram a análise de Mircea Eliade (1992) na qual defende que toda a história religiosa está constituída por um número considerável de hierofanias, caso da natureza e o cosmos si, portanto, seria as hierofanias toda manifestação do sagrado em um objeto, animal ou planta. De igual modo, é possível observar a "hierofania suprema" o caso das revelações de profetas como sendo mensageiros de Deus. Por outro lado, ele usa o termo teofanias para referir os sinais que estão a volta dessas manifestações.

Segundo a análise do autor, os objetos, animais nessa lógica de hierofanias não são adorados como tais, mas são as manifestações que revelam algo que já não é simples objeto nem animal, mas sim representa o sagrado. Por outro lado, o autor explica que os homens religiosos consideram certos espaços não homorgânicos baseando no limiar ou restrições de fronteiras que distinguem doutros espaços considerados profanos ou impuras, enquanto na experiência profana o espaço é homogêneo e não existe limites para pessoas, portanto, devido não homogeneização dos espaços o leva uma certa oposição entre estas duas formas de estar no mundo.

O culto de balugum representa para os mandjacos o simbolismo espiritual baseado na relação direta e íntima entre os humanos e ancestrais, ou seja, relação entre o mundo dos vivos e mundo sobrenatural contribuindo assim para a perpetuação da família, comunidade, grupo ou clã.

Portanto, os ritos fazem parte da vida desse povo e de seres humanos, sendo elas religiosas, celebrações ou conquistas. Dessa maneira, eles envolvem a fase de mudança de uma fase para outra na vida de cada indivíduo. Há três fases que observam os ritos, segundo Van Gennep (2011), separação, margem e agregação. Sendo assim, o conceito da liminaridade e comunistas de Turner (1979) pode servir de análise que é fase que inclui comportamento simbólico de grupo. A primeira fase, no entanto, refere a fase de transição ou afastamento do indivíduo de um grupo de indivíduos da estrutura social anterior, ou mesmo condições culturais do estado para cumprimento do ritual. A segunda fase comporta as características de um sujeito ambíguo, sem algum papel ou estados de posições, que está no meio entre seu contexto anterior e a nova realidade cultural que será enfrentada. A última é a fase da reagregação da pessoa no contexto anterior esperando que volte adaptar com algumas normas costumeiras

Assim sendo, na sua análise ao processo ritual de Ndembu, Turner (1979) descreve dois tipos de rituais que merece minha reflexão, que são: ritual de crise de vida e ritual de aflição. Na qual o primeiro ritual se refere importante mudança ou desenvolvimento físico e social do indivíduo como nascimento, puberdade ou conquista, batismo ou diploma, significa a mudança de fase de uma pessoa, adquirindo a característica de nova personalidade social. Segundo autor estes acontecimentos sociais causam mudanças não só na vida de um indivíduo, mas em relação a todos aqueles que envolvem como sujeitos do ritual. No caso do nascimento celebra se a mudança na vida da mulher, saindo de esposa para mãe, é válido também para o homem para pai, e todos os que compõem a estrutura família e comunidade, o que significa grandes mudanças para um é de todos também. Isso serve para pensar certos rituais dos mandjacos que como: kalump petchap, que é obrigação dos filhos para com pai ou mãe falecidos, então quando

a cerimônia acontece eles sentem renovados por terem cumprido com obrigação, e as pessoas a volta evolvem também nessa mudança.

No ritual de aflição autor traz aspectos que são fundamentais para análise de balugum, em que ele mostra que os Ndembu associam má sorte na caça, problemas reprodutivos femininos, entre outras formas de doenças aos espíritos mortos, assim sendo, quando a pessoa está nestas condições ele se torna sujeito do ritual, os rituais neste caso são destinados para apaziguar e eliminar o espírito causador do problema. Os espíritos aqui referidos são dos ancestrais que são parentes da pessoa, isso acontece quando a pessoa esquece um ente ou comporta de maneira que ancestral acha inadequado, além disso, deixar de dar oferendas, bebidas comidas, não derramar sangue do animal, não evocar o seu nome nas orações ou esquecê-lo no seu coração, as vezes causa problema dentro da família.

Apesar de fazer análise ao sistema religioso do Ndembu, povo de antiga Rodésia (atual Ruanda), os mesmos comportamentos fazem se presente na realidade social dos mandjacos, em atribui tais infortúnios ao balugum. Porque entende que o ancestral vê tudo que passa na terra, portanto qualquer falta de obrigação com ancestral o indivíduo fica penalizado.

Entre algumas cerimônias e rituais são destinadas ao balugum periodicamente, por exemplo ***catchienu***, é o dia principal para honrar os balugum isso acontece seis em seis dias porque a contagem de semana desse grupo social é diferente do calendário gregoriano, para eles uma semana tem seis dia, portanto, esse dia é reservado para qualquer cerimônia relacionada aos balugum, porque segundo os rituais é o dia ideal e que neste dia todas as almas saem para terra visitar as famílias. Além disso, homens mobilizam para o lugar chamada ***plintchan*** para discutir alguns assuntos essenciais que visam cuidar bem dos balugum, além disso cada homem leva consigo dois litros de vinho palmo[2] para doar no lugar. Esse encontro é muito importante visto que balugum está inserido na organização social dos mandjacos, e que o culto serve para bem-estar social. Então, nesta busca de bem-estar, as pessoas procuram os para resolução dos seus problemas em diferentes aspetos, tais como: problemas familiares, saúde, fertilidade, produtividade, colheita, evitar maus espíritos, entre outras situações, porque o culto faz parte do seu dia-dia. No entanto, quando estes aspetos não estão sendo atendidos ou não vão de acordo com as necessidades do povo a primeira coisa a fazer é procurar *Napené* para saber o motivo.

[2] Vinho palmo é bebida alcóolica obtida a partir da fermentação, é extraída de palmeiras como a palmeira de leque africana e a matebeira, em certos países de África é a principal bebida em atividades culturais e em algumas festas tradicionais como o casamento, reunião dos anciões de uma aldeia ou das autoridades tradicionais e nos julgamentos tradicionais doado aos irãs.

António carreira no seu livro sobre a “Vida Social dos Manjacos” no capítulo que denominado o totemismo demonstra os elementos que relacionam o povo com sua ancestralidade.

> No símbolo da propriedade, fazem periòdicamente as cerimónias alusivas à lavoura, sementeiras e colheitas. Nele pedem aos antepassados que velam pela saúde e bem estar dos vivos e prosperidade e riqueza da <<morança>>, na certeza de que nunca as suas almas serão abandonadas ou esquecidas. Em sinal de gratidão e lembrança, derramam no local quantidades de aguardente de cana ou de comidas, que foram, na vida, da predilecção dos invocados (Carreira, 1947, p.91).

Como ilustrado no parágrafo acima, pode se notar uma relação simbiótica entre esses seres naquilo que envolve o culto ou adoração, visto que essa prática não beneficia só os que estão na terra os vivos, mas de alguma forma aos entes falecidos (ancestrais) porque a veneração também permite com que estas almas se sintam mais a vontades e que vivam na paz onde se encontram e que possam sentir reconhecidas no além vida diante doutros espíritos, porque entre as comunidades dos mandjacos, existe essa prática dos culto dos ancestrais, e cada família tem essa responsabilidade de prestar essa homenagem e honra, então não estando cumprindo corretamente esta prestação, além de que o indivíduo ou a família pode arcar com consequências mas também significa envergonhar balugum no meio doutros balugum, porque ele se sente pequeno e humilhado no além.

Outro aspecto interessante da simbiótica nessa relação social, é a reencarnação dos antepassados nas crianças em forma dos recém-nascidos, isto é, se forem bem cuidados, isso é comum em algumas comunidades dos mandjacos, neste sentido, volta a vida na cosmovisão dos mandjacos, é quando a criança recém-nascida veio com a fisionomia, a atitude e até o comportamento de um ancestral, aí os mais velhos reconhecem logo e dizem que “o flano tal voltou para nós”. Quando assim for muitas vezes, a família a batizam o/a com o nome do ancestral, e ela/ela passa a responder o chamado, pode ser por meio de sonhos, daí passa a honrá-lo, por meio de veneração, ou seja, em cada cerimónia ele tem a responsabilidade de levar vinho e comida no itchap, em alguns casos os parentes dão algum bem deixado pelo falecido para que este tome o cuidado quando tornar jovem.

5.1 BALUGUM E SUA RELAÇÃO COM IRÃS

Segundo a crença dos mandjacos, não se pode confundir balugum com irãs, apesar que ambos desempenham a mesma função nas práticas de espiritualidade entre os mandjacos, práticas que envolvem cerimônias e rituais a fim de zelar pelo bem-estar dos seres na terra,

entretanto cada uma dessas entidades tem sua área de atuação e sua limitação, além disso, nem todos os irãs atuam nesta perspectiva.

Segundo Jesus (2018), os irãs são as divindades ancestrais onde o povo teve origem, ele está presente em todas as atividades do quotidiano do grupo, além disso, pode manifestar individualmente quando o assunto é de proteger uma família, uma linhagem ou cada membro do grupo da qual está vinculado, coletivamente manifestam nas cerimônias do grupo na resolução dos conflitos e nas tomadas de decisões.

> Irã na sociedade manjaca representa espírito ou divindade que se manifesta através dos rituais mágico-religiosos. O irã pode ser considerado um espírito bom ou mau, no caso do irã malfeitor, seria o espírito deve ser banido porque pode cometer sérios problemas para quem por ele estiver possuído ou sob sua influência. Porém, irã representa espíritos ancestrais que representa cada indivíduo ou comunidade, por isso são realizados os rituais como uma obrigação para com o irã (Jesus, 2018, p. 27).

Portanto, quando fala de irãs é conveniente decifrá-los em duas categorias presentes na visão dos mandjacos que são: *irãs* benévolas e malévolas. Os primeiros referem as divindades ou os santos que cumprem o papel de protetores do clã, e estes têm missão de defender a família contra adversidades, portanto, estes merecem ser cultuadas periodicamente. A segunda categoria são os que sempre trazem desgraça a família ou grupo, porque são capazes de serem manipulados por feiticeiros para ferir ou até tirar a vida das pessoas, por isso não merecem o reconhecimento. Outra relação social entre ambas é que os rituais destinados aos balugum envolvem a restrição de alguns sacrifícios dos animais, por exemplo, não se sacrifica porco para balugum, mas os irãs admitem o sacrifício desse animal.

Segundo Lassana (2024), há uma hierarquia em formas da espiritualidade dos mandjacos e cada um no seu campo de atuação. Eles acreditam na existência de um ser supremo que é Nasien Batchi ou (deus do céu), criador de todas as coisas, até mesmo os irãs, Nasien Calequisse (o irã mais poderoso de Calequisse). Segundo essa cosmovisão, os balugum e irãs são mensageiros de Nasien Batchi na terra do mesmo modo são defensores das pessoas na terra.

Por outro lado, existe relação de papel social entre balugum e irãs porque se mantem em sintonia, visto que certos sinais dados pelo balugum é respondido por Napené que trabalha diretamente com irã ou intermediário entre seres vivos, balugum e irãs, portanto, fica de seguinte maneira essa relação: os pedidos que faz ao balugum pode encontrar resposta no itchap, ou também pode receber o sinal por meio de balugum e ter resposta no irã, as respostas aqui referidas são: o que motiva certos acontecimentos no seio da família, o que deve ser feita para acabar com isso, e assim por diante.

Na religiosidade Mandjacuense cada morança[3] tem uma entidade protetora da família ou irã da família, que tem função de garantir bem-estar dela, estes têm significado para família na medida que representa as nomenclaturas dos membros. Além das mencionadas como cuidadoras dos seres vivos, tem a entidade máxima que representa toda aldeia "***Nasien***" cada uma com sobrenome da aldeia ou mesmo setor, Ex: Nasien Bipar (Deus de Bipar) ou Nasien Calequisse (Deus de Calequisse).

Neles, todos os membros da aldeia procuram para fazer pedidos assim como resolução dos seus problemas. Eles têm bases na floresta distante das casas, ou seja, longe das vistas das mulheres e os não iniciados (***malgoçados)***, sendo assim, qualquer mulher que deseje pedir algo tem que encontrar um mensageiro ou mesmo um sacerdote máximo (***amnhan***) para transmitir os desejos daqueles que por certas restrições não podem lá chegar. Estes não possuem basicamente um símbolo de totémico como os dos australianos, mas a comunidade e os crentes sentem sua presença de forma espiritual e aprovam isso através dos cultos e nos rituais que são realizados.

Entre as outras cerimônias destinadas aos balugum, está *kalas pum* (Toka Tchur) que é o ritual de homenagem ao falecido após sua morte, este ritual é comum entre os mandjacos, e que decorre em duas fases: primeira fase do ritual ocorre quando more a pessoa é feita essa cerimônia que une a família e amigos para o momento de despedida da pessoa falecida, neste ritual é oferecida de água, bebidas alcoólicas de preferência vinho palmo (pôt pefatchal) e sacrifício de cabra para acompanhar o malogrado.

A segunda fase do ritual de Toka-Tchur, é um pouco diferente do primeiro visto que requer maior possibilidade econômica da família, o que não era comum nos períodos anteriores, porque era feita um gesto simbólico e simples para com o malogrado. Entretanto, atualmente devido a conjuntura social cada família passou atribuir outro significado no que diz respeito a homenagem do falecido. Sendo assim, essa fase congrega maior número de diferentes personalidades para um ambiente de comemoração e de lembrança do ente querido, portanto, é possível observar numa única cerimônia o sacrifício de dez ou mais vacas dependendo da condição econômica da família, além uma considerável quantidade de vinho palmo e outras bebidas para poder atender quantidade de pessoas que participam e depender também dos dias que estas vão levar, diferente da primeira fase que só tem um dia ou algumas horas para despedir do malogrado.

[3] Morança entre os guineenses significa residência maior onde se junta as famílias. Morança tem um significado forte pelo que todos os problemas da família se resolvem nesse lugar, cada morança tem um chefe que é responsável para todas as cerimônia e rituais.

Entretanto, o culto dos ancestrais não é prática religiosa exclusivamente dos mandjacos, pois ela está presente em algumas sociedades, embora manifestadas de maneira semelhante ou diferentes devido as especificidades culturais, uma abordagem de Renato Rodrigues (2021), na sua análise sobre culto de Egúngún de Terreiro Ilê Agboulá da religião da matriz africana no Brasil merece a nossa análise, na qual demonstra que: o ritual de Egúngún, é um dos maiores mistérios da cultura e ritualística Yorubana e Dahomeana, porque neste ritual há um conjunto central de crenças religiosas que são reservadas apenas as pessoas iniciadas, tornando inacessível a pessoa comum, exemplo das mulheres e os homens que ainda não passaram pelo ritual de iniciação. Segundo autor, o culto dessa divindade é destinado aos antepassados falecidas que eram iniciadas no ritual dos Orixás nas religiões de Matriz Africana.

Sob esta perspectiva, pode se assemelhar esta prática cultural ao dos cultos de Balugum dos mandjacos, porém diferentes em alguns aspectos, visto que ambas envolvem veneração aos ancestrais por meio dos rituais e cerimônias, tendo assim o mesmo propósito de orações para bem-estar da família e união na comunidade. Entretanto, a diferença é que, o ritual de Egúngún é prestado para cultuar as personalidades do sexo masculino já falecidos, que passaram pela iniciação e que de alguma forma já haviam prestado bom serviço na sociedade, outra diferença é aparição do Egúngún através de uma evocação. Enquanto no culto de balugum não tem essa diferenciação de gênero pois, o culto é destinado a todos ancestrais que desempenharam um papel importante durante a vida e não importa o sexo da pessoa, ademais, entre os mandjacos não existe a materialização dos ancestrais, ou seja, não se vê o balugum, mas se sente a presença deles nos rituais segundo a cosmovisão dos mandjacos.

Em conformidade com Rodrigues existe uma forte manutenção tradições da matriz africana no Brasil como pode ver na citação abaixo.

> No terreiro Ilê Agboulá, se mantém e preserva o culto coletivo da Ancestralidade, que mantem vivo os laços entre os familiares e entre os habitantes do globo terrestre. Culto que possibilita o Egúngún acompanhar sua família, não permitindo que ocorram adversidades no seio da mesma [..] as mulheres que protegem e vigiam o culto afastado dos segredos, confeccionam roupas, entoam e respondem as cantigas especiais de barracão, onde somente elas têm o direito de cantar para o Babá Egum. (RODRIGUES, 2021, p. 100-101).

O culto aos ancestrais também é raiz de algumas religiões asiáticas, segundo Smith (2005), os cultos são realizados em templo, santuários, altares domésticos, e manifestam em diferentes expressões como sacrifícios, ofertas e orações. Consoante autor, a crença na imortalidade de alma e na interação social entre os mortos e vivos se deu a origem dos cultos

dos ancestrais. A luz disso, eles acreditam que os mortos ajudam a manter a tradição linhagem ou família e garantia de segurança e punição, além disso,

> eles acreditam que simpatizam com os descendentes vivos que enfrentam dificuldades semelhantes às suas próprias experiências passadas. Seus conhecimentos prévios e realizações passadas constituem um recurso rico para a tomada de decisões. Acredita-se que seus poderes estejam à disposição da família, se acessados corretamente, ou seja, através de oferendas, sacrifícios, libações, orações, magias e outras formas apropriadas de adoração (Alex Smith, 2005 p. 5)

Smith, defende que é comum algumas tribos asiáticas interpretar o um sonho, ou seja, a aparição de um ancestral nos sonhos pode ser um aviso a algum perigo que possa afetar a família. Fato que é comum também entre os mandjacos, portanto quando isso acontece a pessoas procura um adivinho ou um ancião especialista para interpretar o sonho. Entre os mandjacos a mensagem de um ancestral nos sonhos, pode significar aviso de perigo, chamada de atenção, falta de alguma obrigação com balugum ou falta de cuidado de algum bem deixado por ele, entretanto, sendo difícil de comunicar diretamente com ele, as pessoas procuram *Napené* (adivinho) para procurar respostas a respeitos do que viu no sonho.

Napené: é a pessoa com diferentes conhecimentos, como curandeiro ou médico tradicional, auxiliar dos irãs. Ele é pessoa escolhida por irã para auxiliá-lo no trabalho da comunidade, sendo assim intermediário entre os homens, irãs e balugum, reportando aos homens que irã ordenou. Ele é a pessoa indicada, e bastante procurada para dar resposta dos assuntos que não é da competência do homem comum. Napené tem seu ***pebol*** ou (santuário) onde dedica seu tempo para atender as pessoas que procuram soluções para suas doenças e respostas sobre seus sonhos, mau agouro ou qualquer adversidade.

Mas antes de se tornar em Napené, a pessoa precisa passar por longo processo ritual, como discorre Mendes (2017).

> Para tornar-se Napene (Adivinho/Curandeiro) precisa antes de tudo ser oriundo desta linhagem específica. Será designado e convocado pela manifestação de um ente querido já falecido, que dar-se-á após a ocorrência de sinais, como: uma doença (febre amarela, paludismo); um comportamento diferente do costumeiro (praticar roubos); conflito nos relacionamentos, em casa, no trabalho; entre outros diversos (Mendes, 2017, p. 25).

Assim que começar a perceber estes sinais a pessoa visita Napené para certificar a necessidade de realizar a cerimónia *pesson bepené*, em caso contrário, ela poderia contrair uma doença prolongada e que possa conduzir a morte, porque essa cerimônia é tão séria e obrigatória para quem é indicada. Outros sinais a volta disso, são: perda de plantações, estranhas sensações,

confundir com o caminho da casa, escorregar da palmeira, conflito na família, problemas no trabalho, entre outros. Após consulta ao napené com a confirmação de *pesson bepené* a família volta com a mensagem informando a pessoa, em afirmativo começa o ritual, e no final o indivíduo recebe o título de Napené (Adivinho).

5.2 BALUGUM E TOTEM

Ao analisar as formas primitivas de classificação, Durkheim (1996) fez uma descrição ao totemismo australiano, que para ele seria um sistema religioso de modo pela qual determinada comunidade ou grupos sociais, em destaque o clã usa nome de uma espécie animal ou planta em se sente estabelecido uma relação de espiritual entre os grupos ou comunidade, e ligadas a certas prescrições e limitações alimentares. A partir destes sistemas de pensamento, todos objetos, animais ou vegetal da qual tem uma representação totémica, seriam tidas como sagrado para isso são valorizadas e venerados nas cerimônias, nos tabus e nos ritos, além do mais os indivíduos a elas relacionados são considerados como sagrados, Além de carregar o nome do clã o totem, representa como emblema e brasão heráldico de clã com tanto valor atribuído ele tem representações plásticas, em armas e decorações corporais usadas nas cerimónias e nos ritos.

Com ilustração acerca do totem é válido pensar também o sistema religioso dos mandjacos a partir da categoria de análise de ***Balugum***, que é entidade sagrada, que está presente em toda parte da comunidade, isto é, nas cerimonias, nos rituais, tabus e em qualquer formas do convívio humano independentemente da sua representação material. Fato que assemelha os papeis social do tentem no que tange a proteção de clã, e de acompanhamento humano em toda atividade social. Outro aspeto, semelhante ao totem mas não igual que está presente em algumas cerimônias e rituais são os ***itchap*** **(imagem de um ancestral)**, citados no decorrer deste trabalho devido a forma da escultura, e que tem representação o simbólica dos falecidos que são venerados periodicamente pela família sob forma de manter os laços por meio de dois mundos (**vivos-*mortos***) e pedir benção e proteção dos ancestrais.

Entretanto, pode se tirar algumas diferenças no que diz respeito as representações sociais das duas categorias analíticas, assim sendo, balugum não usa o nome nem tem representação de animal ou vegetal (planta) nos rituais mas sim a figura ou imagem de um ancestral (itchap) já falecido para honrá-lo e essa imagem representa quem era a pessoa ou qual papel desempenhou, porque só de observar a imagem a pessoa que antes o conheceu facilmente o reconhece, além disso, a figura desses ancestrais não se remove, e são fixamente no solo.

Outrossim, é comum entre os mandjacos cultuar balugum em qualquer lugar além do lugar onde está fixada itchap, porque eles estão em toda parte basta evocá-los eles te respondem.

Portanto, é muito importante observar como o sistema totémico faz parte da estrutura social ou cultural do povo que baseia neste sistema de pensamento, porque permite um sistema de classificação e papeis sociais, como mostra Lévi Strauss (1997) apud Leal que não basta identificar cada animal, planta ou qualquer fenómeno natural, mas sim procurar entender qual o significado ou papel atribuído dentro de sistema de classificação.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para execução desta pesquisa de acordo com os objetivos traçados, a pesquisa será de caráter descritivo e bibliográfico. A pesquisa bibliográfica consiste no levantamento de referências teóricas publicadas por meios escritos e electrónicos: como livros, artigos científicos. A pesquisa empírica tem como finalidade observar e fazer uma leitura sociocultural do um grupo com base na relação social entre o pesquisador e os sujeitos de pesquisa, sob forma de entender profundamente a realidade social do grupo em estudo. Ademais, procuram se dados qualitativos porque busca ler, analisar e interpretar a realidade social. Prodanov (2013) explica que na abordagem qualitativa, a pesquisa tem ambiente como fonte direta de inter-relação, ou seja, o pesquisador mante contato com o ambiente e sujeito do estudo em questão, envolvendo um estudo intensivo do campo. Uma descrição densa na pesquisa etnográfica, segundo Geertz (2004) requer a imersão do pesquisador no contexto social e uma inter-relação com os interlocutores para poder analisar e interpretar os fenómenos com base nos significados atribuídos pelos sujeitos em estudo.

A pesquisa será realizada no setor de Calequisse, que no primeiro momento procurarei estabelecer contato com o ambiente de pesquisa e próprio sujeitos para tentar ganhar a confiança deles, após isso estabelecer diálogo com eles de modo saberem o que do objetivo da minha pesquisa. Próxima etapa da minha metodologia, será busca de construir relações sociais com anciões e anciãs da aldeia assim como homens e mulheres que já vivenciaram algum tipo de ritual que envolve culto de balugum. A fase seguinte constitui o conhecimento de perfil da dos anciões/ãs que são foco da minha pesquisa, ou seja, posição que ocupam nos rituais e seus papeis sociais na comunidade. Em seguida será feita a imersão no campo e dialogar com os interlocutores, além disso, será usada diário do campo e recurso de entrevistas, isto é, perguntas e resposta porque trata de um estudo etnográfico, Na sua obra “A interpretação das culturas”

no capítulo por uma descrição densa, Clifford Geertz (2004) traz algumas questões metodológica da pesquisa etnográfica, em que mostrou que ao penetrar na realidade de outrem o pesquisador tem que assumir seu preconceitos, ou seja desconstruir as ideias preconcebidas, de igual modo não deve se pensar tornar um nativo mas pensar as coisas do ponto de vista dos nativos o que chama de análise êmica, por outro lado, aponta que uma descrição densa é conjunto de interpretações e análise da realidade social que estuda.

Então é preciso um trabalho conjunto, isto é o estabelecimento de relações de conhecimentos com sujeitos de pesquisa. Para isso, as perguntas que serão aplicadas vão depender de do consentimento ou de todas as relações sociais e de diálogo tidas durante a pesquisa com estes sujeitos. Na fase seguinte, pretendo fazer entrevista não padronizada ou não estruturada, para permitir uma conversa mais aberta aproveitando cada momento de diversão com os nativos. Conforme Prodanov (2013), nesta forma de entrevista não existe rigidez de roteiro; o investigador pode explorar mais amplamente algumas questões, neste sentido, o pesquisador tem mais liberdade para desenvolver o diálogo com sujeito da pesquisa e garantir a liberdade do mesmo durante a conversa. Na fase final, será feita a análise e interpretação da realidade social estudada a partir da inter-relação com os sujeitos da pesquisa.

7 CRONOGRAMA

2022.2				**2023.1**			**2023.2**				
Atividades	**MAR**	**ABR**	**JUN.**	**SET.**	**OUT.**	**DEZ.**	**JAN.**	**FEV.**	**MAR.**	**ABR.**	**MAIO.**
Elaboração do Pré-projeto	**X**	**X**	**X**								
Leitura e Fichamento dos textos				**X**	**X**						
Análise crítica dos textos						**X**					
Levantamento dos dados de entrevista						**X**					
Análise dos dados da entrevista							**X**				
Elaboração do projeto							**X**	**X**	**X**		
Correção do projeto								**X**	**X**		
Entrega do projeto										**X**	
Defesa de TCC											**X**

REFERÊNCIAS

CARREIRA, Antônio. **Vida social dos Manjacos**: publicação comemorativa do v centenário da descoberta da Guiné. **(No Title)**, 1947.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália; tradução Paulo Neves. - São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. [tradução Rogério Fernandes]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 13-19.

EL FASI, Mohammed. **História geral da África**, III: África do século VII ao XI. – Brasília: UNESCO, 2010, 114-126.

FERNANDES JUNIOR, Luís. **Religião como meio de resistência cultural na Guiné-Bissau**. Unilab-SFC [s.n.], 2019 p.80-87.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1 Ed. 13. Reimpr. -Rio de Janeiro: LTC, 1989, p.15-23.

GENNEP, Van. **Os ritos de passagem**: 3. Ed. Petrópolis, Vozes, 2011.

IMVF - **Instituto Marquês de Valle Flôr**, 2011, p. 60-61.

JESUS, De Bernardo. Gomes. **Manjacos da Guiné-Bissau**: Sobre Discursos, Cultura, Saberes e Tradições Período colonial e pós-colonial. Porto alegre. [s.n.]; 2018 p. 25-29.

KI-ZERBO, Joseph. **História geral da África**, I: Metodologia e pré-história da África. 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010, p. 141-143.

MAIA, Joelma. Algumas considerações sobre a Guiné Bissau. **África [s] -** Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos e Representações da África, v. 3, n. 5, 2016.

MENDES, Irina. **A prática de Ucó**: Cosmo-Ontologia Manjaco sobre materialização do corpo na diversidade corporal. Porto Alegre, BR-RS, 2018 p. 107-110.

MENDES, Paulina. **Entre Os" Saberes Locais" e o" Saber Universal"**: a modernização Das Comunidades Manjaco e Mandjização Do Estado Da Guiné-Bissau. Tese de Doutorado. Universidade de Coimbra (Portugal), 2014, p.10.

MENDES, Virgínio Vicente. **Rituais de iniciação do povo Manjaco da Guiné-Bissau**: Adivinho/Napene e Régulo Namantch. Unilab-São Francisco do Conde [s.n.] p. 44-46, 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013, p.10.

RODRIGUES, Renato. **Ancestrais que vieram de África**: O Culto a Egúngún no candomblé de Omo Ilê Agboulá. São Paulo, p.98-101, 2021.

SMITH, Alex G. **O desafio da veneração asiática pelos antepassados**, 2005, p. 05-08.

TADVALD, Marcelo. Apontamentos e perspectivas teóricas sobre o pensamento de Claude Lévi-Strauss. **Pensamento Plural**, n. 1, p. 29-47, 2014.

THORNTON, Jhon. Religiões africanas e o cristianismo. *In*: **África e os africanos na formação do mundo atlântico (1400-1800)**, Rio de Janeiro. Elsevier, 2004, p. 312-343.

TURNER, Víctor W. **O Processo Ritual**: estrutura e anti-estrutura. Tadução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis, Vozes, 1974, p. 116-119.

TURNER, Víctor W. **Floresta de Símbolos**. Aspectos do ritual Ndembu: Editora. Universidade Federal Fluminense. Niterói. Rio de Janeiro, 2005, p. 35-44.